

Que o Acordo Geral de Paz não seja uma letra morta

— opinam cidadãos inquiridos pelo «Notícias» na capital do país

Cidadãos inquiridos pelo nosso jornal, a propósito do histórico Acordo Geral de Paz para Moçambique, ontem rubricado em Roma pelo Presidente da República, Joaquim Chissano, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, foram unânimes em afirmar que o compromisso assumido deve ser escrupulosamente respeitado

PALMIRA PEDRO FRANCISCO — (vice-presidente da Associação Moçambicana de Mulheres Empresárias e Executivas) — Penso que a assinatura do acordo foi um



Palmira Francisco

grande passo em frente dado pelo povo. Agora, o que mais interessa é respeitar ou seja implementar aquilo que está no papel como forma de pôr fim ao sofrimento popular. Eu acredito que isso vai acontecer, pois nota-se uma certa vontade por parte do Presidente da República, Joaquim

Unidas com vista a se fiscalizar o cessar-fogo. O futuro é promissor.

CASIMIRO NHAMITAMBO — (presidente do Partido SOL) — Recebi a notícia com naturalidade mas sem muita emoção. O que eu gostaria de ver é a sua implementação. Se o acordo foi assinado com seriedade então tudo o que aconteceu antes pode ser perdoado. Vamos ver até que ponto os dois beligerantes assinaram o acordo com responsabilidade. Mas há um pormenor que se relaciona com as forças armadas de Gimo Phiri, na Zambézia. O que será feito dos seus três mil homens? A fase que se segue após a assinatura do acordo, a reconciliação, é muito difícil. Vai exigir de cada moçambicano muita responsabilidade. Eu espero sinceramente que o acordo de paz não tenha sido assinado por pressões porque isso pode ser fatal. O meu Partido vai lutar para o sucesso do acordo mas tudo depende primeiro dos dois beligerantes. Apelo para a maior seriedade no cumprimento escrupuloso do compromisso assumido.

JOSÉ MACAMO — (funcionário da FAO) — É muito difícil descrever com exactidão aquilo que sinto. Quero felicitar o Chefe do Estado, o líder da Renamo e os mediadores pelos esforços empreendidos na busca da paz para o país. Felicito também o



José Macamo

povo moçambicano que com paciência soube acompanhar o processo negociat até à assinatura do acordo de paz. Tenho muita esperança que o acordo vai ser respeitado. Seria muito bom para nós, pois estaríamos livres do sofrimento causado pelos 17 longos anos de conflito armado entre o Governo e a Renamo. Que o acordo

como forma de pôr fim a mais de 16 anos de sofrimento popular. Disseram também acreditar na boa vontade dos assinantes do acordo e, como tal, não duvidam que a guerra vai acabar. Apelaram para que o acordo ontem assinado não seja letra morta, ou então mais um acordo.

não fique registado apenas nos papéis.

GUILHERME FORTES — (membro do Conselho Nacional do MONAMO) — Acredito na boa vontade do Presidente Chissano e no líder da Renamo em trazer a paz para o país.



Guilherme Fortes

Estou preocupado com a máquina militar. Como é que haverá articulação entre os militares e os dirigentes? Há muitos homens armados sem controlo. Há militares que actuam por conta própria. Não nos deixemos embriagar

pela emoção, pois há ainda muito trabalho. Um exemplo é que o entendimento entre Chissano e Dhlakama em Agosto último, em Gaborone, para a assinatura do acordo a 1 de Outubro falhou. Podemos admitir porque a paz já foi rubricada. O trabalho que há daqui para a frente é a reconciliação; é a pacificação do país. Penso que este momento é digno de ser celebrado. Era já esperado há bastante tempo.

DUDÚ OBRA — (técnico médio de Agronomia) — Estou muito satisfeito



Dudú Obra

com a assinatura do Acordo Geral de Paz. Realmente o povo moçambicano já vai poder viver em paz, depois de 16 anos de guerra. Ao longo desses anos muita coisa foi destruída e milhares de pessoas perderam vidas. Agora, é preciso que as partes tenham confiança mútua, para que de facto essa paz seja efectiva. É preciso muita vigilância, quer por parte do Governo, quer por parte do Renamo, e do povo em geral. O povo deve saber esquecer o que passou e reconstruir Moçambique. Nessa tarefa, é importante o perdão entre irmãos, porque senão assistiremos de novo a um novo conflito no nosso país. A guerra já era cansativa. O sofrimento estava a agudizar-se cada vez mais. Com a paz abrem-se novas perspectivas de desenvolvimento do país, tendo em conta que o nosso país enveredou por um sistema de economia de mercado.

ISABEL NUUVUNGA — (camponesa)

— O sofrimento que tivemos por causa da guerra não permite acreditar que ela já acabou. Mas estou muito contente por as partes envolvidas no conflito terem aceite dialogar e pôr termo à guerra. Assim vou poder regressar à minha terra natal, Macia. Estou cá na cidade há quatro anos, devido à guerra. A vida na cidade está muito cara, e no campo havemos de cultivar alimentos e criar animais. Com a paz, havemos de andar à vontade para lugares que quisermos, o que não acontecia dantes. O que a Renamo e o Governo fizeram prova que é possível chegar-se a um entendimento na base de diálogo.



Casimiro Nhamitambo

Chissano, e também por parte do líder da Renamo, Afonso Dhlakama. Alegro-me também o convite formulado pelo Presidente da República às Nações